



## **POSSO TE CHAMAR DE PRINCESA? SITUAÇÃO DAS MULHERES EM CONTO DE FADAS E A ARTE PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA<sup>1</sup>**

**Felipe Costa Aguiar**  
felipeaguiar@id.uff.br<sup>2</sup>

**Antonio Bernardes**  
antoniobernardes@id.uff.br<sup>3</sup>

### **Resumo**

*Este escrito tem como objetivo promover a potencialidade que os contos de fadas transformados em filmes pela Disney possuem para o estudo do lugar através da análise das diferenças e posições políticas das personagens. Este trabalho tem como base teórica a fenomenologia da arte, imaginação e poética de Bachelard (1978). Sendo assim, através de Marandola (2012) entendemos o lugar enquanto concretude e circunstancialidade do mundo em que vivemos. Pertencemos ao mundo e é nos encontros que temos com o mundo que vivemos os lugares. Dessa forma, entendemos o lugar a partir das vivências das personagens e não a partir de conceituações estritamente fechadas e pré-definidas. É a partir de Heidegger (2010) e Bachelard (1978) que entendemos a arte como abertura para entendimento do mundo, ou melhor, a arte e suas manifestações revelam o mundo através de seus amores, angústias, felicidades e alegrias. A arte não é imitação alguma, ela é registro do mundo assim como qualquer devaneio que possamos ter. Portanto, cada princesa estabelece relações particulares com o lugar devido aos contextos que elas estão circunscritas. Buscamos fazer uma aproximação da vivência das personagens com situações que as mulheres vivem no mundo através da recriação das estórias com os lugares da vida como cenário. Concluimos que a aceitação das diferenças, a relação que estabelecem com o mundo circundante e com os entes que o preenchem e o modo de ser dessas personagens influenciam a criação de seus lugares. Concluimos também que a abertura dos filmes é uma reflexão inicial para o exercício do olhar geográfico promovendo que o aluno enxergue seu próprio mundo através da ludicidade das estórias, reforçando assim a inevitável relação entre arte e mundo.*

**Palavras-chave:** Arte, Lugar, Contos de fada.

### **Introdução**

O ser das obras de arte é o que pode nos colocar em estado devaneio (BACHELARD, 1978). A imaginação nos leva ao devaneio e é através dele que o ser das obras de arte vem ao

---

<sup>1</sup> O título desse manuscrito surge da indagação realizada em contraponto a uma recente campanha publicitária que indicou que os pais não deveriam chamar suas filhas de princesas devido aos estereótipos de fragilidade que as princesas foram tratadas na história.

<sup>2</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. O presente trabalho é produto de pesquisa de IC. Agradecemos a UFF pelo fomento à pesquisa.

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense.



nosso encontro no mundo e é assim que flutuamos na imaginação e podemos viajar para qualquer lugar, podemos ir a lugares distantes ou até mesmo inimagináveis. O exercício necessário para atingir o ser das obras é o contemplar, o observar e imaginar as obras em nossa vida e nossa vida nas obras, é o encontrar o mundo nas obras.

No que tange o ensino de geografia podemos ressaltar a importância da valorização da arte e sua relação com o mundo. O exercício de analisar o lugar nos filmes escolhidos é o ponto inicial para promover arte, mundo e lugar. A ludicidade acompanha o estudo do lugar quando falamos da arte e, por consequência, torna o aprendizado mais leve e prazeroso. O exercício de problematizar os filmes torna o mundo mais lúdico e o conteúdo mais palpável. Ressaltamos que segundo as orientações curriculares para o ensino de geografia do município de Campos dos Goytacazes (BRASIL, 2018) o estudo do lugar deve ser problematizado no sexto ano do ensino fundamental.

Esse encontro é único em cada observador, ele é único em cada obra e em cada momento. Essa especificidade é resultado tanto do ser da obra quanto do ser do observador. Ambos trazem o mundo em seus olhares e podem então desvelar o mundo nas obras. Interpretar as obras de arte incorre na problematização do lugar que, por sua vez, nos permite interpretar as angústias e amores do artista que dão origem a arte e como seus vínculos existenciais dão origem ao mundo nas obras e estas no mundo através das vivências das personagens.

Entendemos que é possível problematizar a diferença e a política através da análise das vivências das personagens e seu mundo circundante. As experiências com o lugar que as personagens de diferentes épocas mantêm podem nos revelar, por exemplo, acerca da situação da mulher na sociedade considerando as princesas enquanto mulheres de diferentes épocas. Concluímos que a recriação dessas histórias nos lugares da vida cotidiana (casa, escola, bairro) podem ser uma grande possibilidade de abertura do ser-no-mundo para trazer as relações de gênero para o debate na sala de aula.

### **A arte, a imaginação e a poética**

Realizar uma problematização estética dos filmes e seus valores estéticos não é o intuito deste manuscrito. Baseando-nos nas proposições teóricas acerca da fenomenologia da imagem e imaginação de Bachelard (1978) e alguns pressupostos desenvolvidos por



Heidegger (2010) sobre as obras de arte e suas relações com o âmago do ser pretendemos interpretar a poética desses filmes, em específico, indicar a potencialidade que os contos de fadas, transformados em filmes pela Disney, possuem para o estudo do lugar. Com isso, trazemos a reboque o debate acerca de como as vivências das personagens revelam laços de produção da existência nos lugares em que elas habitam; a relação das personagens com o mundo e com todos os entes que as circundam influenciam suas vivências; como essas relações possuem potencialidade para o estudo do lugar; e, para as situações que as princesas enquanto mulheres de diferentes épocas.

Por lugar, não estamos entendendo-o enquanto conceito previamente estabelecido ou que generaliza os vínculos existenciais. Ao estudar o lugar estamos estudando a vida, o fluxo contínuo e diário do viver e da vida mundana. Pensamos o lugar nesse trabalho enquanto circunstancialidade. Marandola (2014) ressalta que o lugar, nesse sentido, nos traz o entendimento fenomenológico da existência. Para Marandola (2014) o lugar derivaria tanto da situação quanto do contexto em que estamos circunscritos no mundo. “Situação, portanto, envolve tanto uma posição em relação aos outros objetos e entes quanto a um contexto circunstancial. Ambos são definidores da natureza do lugar [...]” (MARANDOLA, 232, 2014).

Desse modo, é fundamental para o presente trabalho considerar a especificidade de cada filme, é necessário analisarmos a época, a sociedade, a relação com os outros personagens e a forma com que as princesas se colocam no mundo. Bem como nos lembra Marandola (234, 2014), “Somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, sempre em dado espaço temporalizado”.

No que tange o estudo do lugar, as obras de arte são nosso ponto inicial. Heidegger (2010) e Bachelard (1978) consideram a arte como verdade sobre o mundo e não como imitação de uma realidade. A partir de Saramago (2006) entendemos que o humano se vela perante o mundo e a arte é o modo das questões mais íntimas – do amago do ser aparecerem para nos desvelar e colocarmo-nos perante a verdade do mundo. “[...] ela busca apenas mostrar aquilo que se *abre* – palavra fundamental em seu pensamento – a partir do estar-aí das obras de arte, isto é, do acontecimento que nela tem lugar” (SARAMAGO, p. 17, 2006).



Elas são únicas, tão únicas que nos marcam profundamente, riscam nossa alma, tocam os cantos do espírito que nem sabíamos que existiam. É como Saramago (2006) nos lembra, a arte desvela a verdade do mundo e nos coloca diante dela. Essa abertura de significados seduz o contemplador, similar como as sereias seduziam os pescadores nas lendas gregas. O admirador se perde na contemplação, perde as noções topológicas e flutua no mar de significados que se abre a sua frente, ele devaneia, no sentido colocado por Bachelard (1978). Ele se perde e já não sabe se o que admirou era arte ou o próprio mundo.

O devaneio é possível pela arte pela sua característica poética e original. A originalidade da obra não está em sua estética. Isso porque o tocante das obras de arte está no ser das obras e na poética que é inédita. O poético das obras é justamente a surpresa com que nos capturam. É a partir disso que há o devaneio. O devaneio para Bachelard (1978) é o mais precioso, não só da poesia, mas de qualquer forma de arte. O devaneio é a sedução da poesia, isso é o poético da arte, ou seja, a sedução e suas formas repentinas de nos fazer apaixonarmos pelo mundo quantas vezes for necessário Bachelard (1978).

O devaneio não é ilusório, o devaneio é o sonhar acordado, é o estar reservado em nossa imaginação que é o espaço mais íntimo que podemos ter. Todo esse devaneio se permite pelo tocar do ser da obra na alma do admirador. Como bem salienta Bachelard (1978), “mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa sua presença” (BACHELARD, 1978, p. 187).

A obra põe-se em verdade pelo desvelar do todo que o deixa acontecer pelo o que a obra de arte tem como característica. Ela dá abertura para que o mundo surja como o todo que é desvelado do ocultamento que o ser da obra sofre pela mesmice do cotidiano (BARROS, 2006). Esse desvelamento acompanhado do devaneio é único em cada obra. É em cada obra que os acontecimentos poéticos possuem lugar. É no reino da imaginação que o humano atravessa fronteiras inimagináveis e encontra-se no mundo.

Sendo assim, na arte e em sua poética o mundo aparece, o eu e o nós vem à tona. Nossa existência e, por consequência nossos lugares ganham forma nas poesias, emoção nos contos e melodia nas músicas. A imaginação nos leva a mergulhar nesse mundo que se abre diante de nós para entendermos nossas questões mais recônditas, ela transporta nossa



consciência para o que temos de mais visceral e privado chegando assim, ao nosso lugar e a alguns modos de nos relacionarmos com o mundo circundante.

### **Branca é tanto bela quanto passiva**

Branca de Neve vive em uma sociedade medieval e hierárquica. O cenário do filme é composto por grandes e sombrios castelos. Branca tem uma postura de mulher ingênua e subjugada a todos. Parece que Branca nunca é protagonista da sua própria história, é sempre a mão dos outros que escreve o contexto de Branca. Quando não é a madrasta, são os anões ou o príncipe. Logo no início da *Branca de Neve* (1937) o “era uma vez” é carregado de significado e os lugares recebem a primeira descrição. Porém os lugares da princesa não são descritos objetivamente e nem promovidos de forma enciclopédica. Depois da frase dita, os lugares aparecem em questões existenciais, os lugares aparecem como lugares da existência e de onde a vida acontece. “Era uma vez uma linda princesinha chamada Branca de Neve. Sua vaidosa e malvada madrasta, a rainha, notou um dia que a beleza dela excederia a sua. Cobriu então a princesinha de andrajos e a obrigou a trabalhar como criada”<sup>4</sup>. Nesse trecho fica claro para nós a posição que a princesa possuía dentro da história até sua viravolta acontecer. Fica aberto a imaginação de cada um como o fato de ser obrigada a trabalhar para a madrasta e todo esse mundo de obrigação e opressão influenciou seus lugares mais íntimos e secretos.

Também é possível perceber como a obrigação do trabalho doméstico como maldição para a Princesa Branca tomou tanta proporção na sua vida que mesmo depois de fugir do castelo e se abrigar na casa dos anões ela não abandona a posição. O primeiro susto que a personagem toma ao chegar na casa é com a proporção, não só da casa, mas da organização do lugar e da sujeira que dá vida a casa dos anões.

A Princesa cogita que talvez eles não tenham mãe e é por isso que a casa está uma sujeira. Logo ela se propõe a limpar toda a casa e a ficar na casa. Claro, ficar na casa na posição de mãe, que cuidará de todos e manterá a harmonia do lar em todos os sentidos que harmonia possa ter. Percebo aqui, como mesmo após abandonar a posição de sujeito que dava

---

<sup>4</sup> Fala extraída do narrador do filme *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) em 1:43 min.



vida ao castelo e ao antigo lar, ou seja, uma posição de opressão e de trabalho doméstico intenso, ela insiste em permanecer nessa posição, mas em outro contexto.

O filme também retrata uma rivalidade feminina entre a madrasta e a princesa em que a beleza é o princípio para essa rivalidade por parte da madrasta. Uma rivalidade exacerbada, um motivo pífio, que desencadeia o desejo de matar na rainha. Nesse ponto, mais uma vez a imagem da mulher torna-se negativa e reforça o lugar das personagens na estória e sua posição política. De acordo com essa posição as mulheres precisam superar umas às outras através da beleza, porque isso é o que importa para as princesas.

Dessa forma, a Branca de Neve assume uma posição de passividade. Os lugares construídos pela personagem, como a casa e o castelo, são lugares onde ela exerce uma posição de sujeito passiva. A medida que ela precisa sempre ser salva, foi salva pelo caçador em primeiro lugar, depois pelos anões e, finalmente, o príncipe a faz acordar da maldição. Por outro lado, quando se trata do estereótipo feminino de mãe e dona do lar, ela se torna o sujeito ativo da situação, a ponto dos próprios anões a obedecerem e cumprirem suas ordens.

### **Pequena Sereia, grande mulher!**

*A pequena Sereia (1989)* foi lançado 57 anos depois de *A Branca de Neve (1937)*, é possível perceber a diferença na posição das personagens em vários aspectos. Por mais que Ariel também viva em uma sociedade hierárquica e esteja subjugada as vontades do Rei Tritão ela é totalmente subversiva. Ela não aceita as limitações de seu tempo. Ela rompe as fronteiras do seu reino e quebra o estereótipo de princesa frágil e bondosa. Ariel é corajosa, destemida e valente, ou seja, tudo que não define a Branca de Neve.

Quando se trata de protagonismo, a *Pequena Sereia* é uma das primeiras princesas da Disney a desconstruir o padrão de princesa bela e passiva na estória. Ao contrário da Branca de Neve, a Ariel escreve sua própria história através do seu desejo e das intensidades que a movem. É interessante como a Ariel luta contra o mundo que a circunda e desconstrói as normatividades que tendem a moldar sua existência. A Ariel, uma personagem totalmente interessada não só pelo seu mundo, mas também no mundo dos seres que estão fora do mar, ou seja, o mundo dos outros.

A personagem é uma aventureira, possui interesse por tudo que vem desse mundo da superfície e foge de todas as regras impostas pelo seu reino. Ela quebra as regras de seu pai, o



Rei Tritão, dono dos mares. O Rei Tritão não é tão rígido quanto parece. A caracterização do Rei Tritão mostra um homem que, por mais que tenha uma posição hierárquica superior dentro do reino, possui seus conflitos pessoais e certa sensibilidade, o que não é comum para os reis e príncipes das histórias tradicionais.

Ariel é a personagem salvadora de todo o filme. Ela salva o príncipe do naufrágio do navio e inverte os papéis totalmente. A rivalidade que a bruxa Úrsula possui não é pela beleza da princesa, mas pela posição de poder que o Rei Tritão possui. O objetivo da bruxa é ter o poder de controlar os mares, sendo assim, essa história, uma luta pelo poder e não pela morte devido a beleza e a rivalidade feminina, a bruxa possui uma rivalidade e desejo da morte do rei, o homem poderoso da história.

Nesse conflito pelo controle dos mares, a Pequena Sereia também salva o rei Tritão das investidas da bruxa. A princesa troca sua voz pelo direito de ter pernas e ir para a superfície com a condição de fazer o príncipe se apaixonar por ela, se não tornar-se-ia propriedade da bruxa. É certo que ela se abdicou de sua voz, todo destino que escolhemos nos faz abdicarmos de certas coisas. Porém, ela é protagonista dessa história, ela é a curiosa por esse mundo que é o lugar do outro e vai ao encontro desse lugar.

A princesa dos mares é quem desenha esse mundo e sua própria história. Ela salva o rei, destrói a bruxa e retoma o poder dos mares. Ariel tem uma bela voz, a voz mais bonita dos mares e quando vai a superfície, negocia sua voz com a bruxa em troca de pernas. Portanto, ela conquista o príncipe não pela sua beleza, que era sua voz, mas pelo seu jeito de ser. A posição de sujeito que Ariel possui nos lugares é de pura resistência e inconformidade com as regras e normatividades do lugar. Uma posição de luta e representação da mulher como agente de sua própria vida e não receptora das ordens do mundo como em *Branca de Neve*.

### **Bela, recatada e um pouco subversiva**

*A Bela e a Fera (1992)* retrata uma sociedade extremamente machista e revela a pressão que a mulher sofre servir ao arquétipo do ser mulher que a sociedade promove. A vila em que Bela mora a coloca como estranha e a exclui por vários motivos, o primeiro deles é o fato dela não querer casar. É trágico o modo como as mulheres da cidade a invejam por causa do personagem Gaston (o melhor partido da cidade) querer sua mão e ela o recusar. Até seu



pai cogita que ele seria um bom marido para ela. Bem, o fato é que esses não são os planos da princesa no momento, ou ele não é o desejo de Bela. Fica nítido como aquela sociedade ignora o desejo dela e promove seu casamento com Gaston pelas propriedades que julgam apropriadas no rapaz. A exclusão por parte da sociedade acontece no momento em que ela recusa esses padrões.

No filme da princesa Bela o “era uma vez” também aparece na primeira narração. Bem, nesse momento a definição do mundo das personagens dá lugar a questões existenciais inerentes a qualquer um. O filme é munido de valores morais e do cuidado com o outro na ocupação do mundo, no sentido heideggeriano do termo. Como o Outro aparece para mim em minha ocupação do mundo, é possível perceber os tipos de relação que a Bela mantém com esse Outro na ocupação dos lugares de seu mundo circundante.

Fica evidente na estória como sentimentos sombrios como egoísmo, luxúria e ódio podem dar lugar à conflitos diretos. Ou melhor, podem criar lugares também sombrios. Foi pela exacerbação desses sentimentos que o príncipe foi transformado na Fera e todo o seu castelo foi amaldiçoado. Aqui a imaginação ganha força novamente, a Fera e seus sentimentos sombrios criam lugares sombrios e medonhos. A atmosfera sombria do castelo toma forma pelo modo obscuro que a Fera age, assim esse lugar é criado pela forma como as personagens são afetadas pelas vivências que tem ali.

Podemos ver como a Bela é vista como estranha por toda a vila pelo seu interesse por livros e por estudar. Ela é a única personagem da vila em que mora que sabe ler e que faz uso da biblioteca da cidade. A Bela não está interessada pelo casamento ou valores atribuídos a mulher naquela época. Ela destoa completamente das outras pessoas do seu lugar. Observamos como a princesa se sente confusa na Vila por ser vista como estranha. Fica claro o lugar de exclusão que é criado e como o diferente é afastado e estigmatizado dentro daquela sociedade.

A princesa chega a se questionar se aquele é o lugar dela. Ela deixa claro no filme que talvez aquele não seja o lugar dela, pois ela é vista como diferente e não tem ninguém para conversar, além de não querer casar. A falta de uma convivência com o Outro e o reconhecimento alheio de sua diferença a fazem sentir-se desconfortada com aquele lugar.

O desconforto com o lugar aparece na vila enquanto a obrigação de seguir regras. As normatividades desse lugar tendem a moldar a existência da Bela e massacrar sua diferença e



é isso que a incomoda na vila. No castelo, onde ela deveria se sentir presa, ela se sente feliz depois de alguns dias. Isso, porque ela toma aquele lugar para si e sente-se acolhida e não excluída pelas relações que mantém com os sujeitos naquele lugar. A questão é como a imaginação da Bela configura o castelo como um lugar feliz.

No filme, tudo que a Bela faz no castelo é trazer luz e imaginação ao lugar sombrio que ele era. Seria um devaneio, um sonhar acordado, a imaginação mesma dando forma ao lugar. Transpondo a situação para o campo da imaginação e procurando a poética do filme não precisamos pensar no castelo como um castelo mesmo, uma vez que a vila era muito mais parecida com uma prisão para a princesa do que para o castelo. Talvez o interessante seja pensarmos nos castelos da nossa vida, nos lugares de prisão, nos lugares de desgosto, nos lugares de ressentimento que temos no fundo de nossa alma.

O poético aqui é pensar como um castelo particular, do âmago do ser encontra a felicidade na música, na leitura e na arte. Assim como Bela trouxe luz para o castelo através de sua relação com a arte e com a beleza não estética, mas do ser da arte. Foi no castelo que seu modo particular de ser foi aceito e não foi moldado. A seguinte fala do personagem Lumière resume bem o motivo da felicidade da princesa ter sido encontrada no castelo: “Ela não é nossa prisioneira, ela é nossa convidada. Queremos que ela se sinta bem-vinda aqui”<sup>5</sup>.

### **O trabalho partirá da criatividade e do mundo mostrado em cada situação**

No que se refere ao ensino de geografia é cenequanon que o professor seja criativo e promova a imaginação na sala de aula, pois estaremos refutando as bases teóricas escolhidas se levamos algo pronto e isolado do cotidiano dos alunos. Então, não há um modelo pronto para todas as situações, caso haja, é um modelo que massacra as individualidades da vida cotidiana, bem como o modo com que as relações de gênero se manifestam na situação de vida de cada aluno.

Sendo assim, antes da preparação de qualquer atividade é necessário investigar o mundo circundante dos alunos no intuito de conhecer a vida cotidiana desses discentes para que as atividades realmente façam sentido para os alunos. Não há como preparar uma

---

<sup>5</sup> Fala do personagem Lumière extraída do filme A Bela e a Fera (1992) em 31:34 min.



atividade qualquer se não há conhecimento prévio de causa, causa essa que define a circunstância de vida presente nos lugares dos alunos.

Portanto, a proposta que o trabalho carrega é a de uma investigação prévia da cotidianidade para fortalecer a elaboração das atividades. O professor como mediador precisa saber em que situação de vida estão os seus alunos. A criatividade surge a partir do momento que os alunos podem se identificar nas estórias. Há sempre uma maneira de se identificar com a estória e fazer a vida vir ao encontro do ser.

Na presente pesquisa, uma das propostas que temos é a contação de estórias, ou melhor, a recriação dessas estórias nos cenários cotidianos, nos lugares da vida, como escola, casa, bairro entre outros. Assim acreditamos que podemos ver como as relações de gênero da vida cotidiana podem aparecer nas estórias a medida que os alunos as recriam no seu mundo circundante. A investigação prévia do cotidiano desses alunos ajudará o professor a se preparar para o debate que pode surgir, tal investigação pode ser feita através de questionários, rodas de conversa ou qualquer outra atividade onde o foco seja ouvir o mundo do aluno.

O momento da recriação das estórias é o momento da imaginação, é o momento onde o mundo torna-se arte, torna-se outra estória que não é aquela vivida “oficialmente”, porém permite que o mundo cotidiano e os lugares da vida apareçam neles mesmos e a partir deles mesmos. Assim, o mundo e a vida cotidiana invadem a sala de aula e abrem as portas da escola para qualquer debate, a diferença é que partirá do mundo circundante do discente, ou seja, de onde a vida acontece.

### **Considerações finais**

Foi possível perceber pela interpretação dos três filmes o papel da mulher na sociedade. Entendemos que essa representação possui influência da época em que esses filmes foram feitos. Sendo assim, compreendemos as diferenças entre a representação de uma mulher passiva e não agente de sua própria vida e história, como a Branca de Neve (1937); A Ariel (1989), que introduz uma luta pelo seu lugar na sociedade e não aceita a posição de passiva na sua própria história.



Assim, a Ariel é uma das primeiras princesas da Disney a ter uma postura política efetiva no seu mundo. A Bela (1992) mantém a mesma postura de Ariel, assim como, a Pequena Sereia, a princesa Bela sente-se excluída do lugar onde mora por ser diferente e, principalmente, por ser uma mulher que foge dos padrões que eram pré-estabelecidos para a mulher. Vale a pena ressaltar que a princesa se sente muito melhor no castelo que é onde está “presa” do que na vila aonde estaria “livre”. Além da vila ser o lugar de sua exclusão é um lugar de opressão da mulher. Como o personagem Gaston retrata na seguinte fala, “Bela, já é tempo de você afastar a cabeça desses livros e prestar a atenção em coisas mais importantes, como eu! A aldeia toda só fala nisso. Não é direito uma mulher ler, logo como a ter ideias, a pensar! ”.<sup>6</sup> Essa é uma das muitas falas que revelam os conflitos que a mulher sofre na sociedade através dos filmes.

Para o ensino de geografia o interessante é a abertura de mundo que esses filmes proporcionam. Assim, um estudo do lugar nesses filmes está relacionado a todo tempo com a situação das personagens bem como o contexto em que elas estão circunscritas. A partir disso, análises do lugar de forma lúdica facilitam muito o exercício do olhar geográfico e funcionam como ponto de partida para a análise do próprio mundo do aluno.

O interessante para essa proposta é pensar como os alunos vão recriar essas histórias lotadas situações machistas. As falas machistas ressaltadas aqui podem ser ainda mais ressaltadas nas recriações dos alunos. A secundarização das personagens mulheres pode ser ainda mais intensificada ou não. Talvez nenhum dos elementos percebidos por nós apareça na recriação dos alunos ou podem aparecer outros que não percebemos. A questão é que quando o mundo é chamado à sala de aula as possibilidades são múltiplas, sendo assim, o professor um mediador desse conhecimento.

---

<sup>6</sup> Fala extraída do personagem Gaston do filme A Bela e a Fera (1992) em 6:54 min.



## Referências

A BELA e a Fera. Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: **Walt Disney**. New York (NY): Disney Movies, 1992, 1 DVD.

A PEQUENA Sereia. Direção: Howard Ashman; Alan Menken e Robert Kraft. Produção: **Walt Disney**. New York (NY): Disney Movies, 1989, 1 DVD.

BRANCA DE Neve e Os Sete Anões. Direção: Ben Sharpsteen. Produção: **Walt Disney**. New York (NY): Disney Movies, 1937, 1 DVD.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BARROS, Chimena. M.S. A Poesia na Filosofia Heideggeriana: Uma Breve Investigação Rumo à Crítica. **Revista Terra Rocha e Outras Terras**, v. 5, p. 03-16. 2005.

BRASIL. Secretaria Municipal de Educação de Campos dos Goytacazes. **Orientações Curriculares para o Ensino de Geografia**. SMECE. Campos dos Goytacazes, RJ, 2018.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: **Caminhos de Floresta**. Tradução de Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

MARANDOLA RJ, Eduardo. O lugar enquanto circunstancialiade. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o espaço do lugar: Geografia, Epistemologia e Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SARAMAGO, Lúcia. Espaço e obra de arte nos pensamentos de Heidegger e Gadamer. **Artefilosofia**, n.1, 2006.